

María Alejandra Rey*

Sobre a prática analítica na realidade virtual**

*Tudo é muito simples muito
mais simples e, no entanto,
ainda assim há momentos
em que é muito para mim
em que não entendo
e não sei se rir às gargalhadas
ou se chorar de medo
ou estar aqui sem pranto
sem risos
em silêncio
assumindo minha vida
meu trânsito
meu tempo.¹*
Idea Vilariño

*Como nos últimos anos o modo de pensar em ciência experimentou mudanças enormes, se a
psicanálise quer persistir como ciência autônoma deve se ajustar às exigências de época.*
D. Liberman

Como se constrói um analista e a função analítica no atendimento de pacientes à distância?

Vinha me fazendo esta pergunta há uns quantos anos, já que cada vez com maior frequência éramos convocados para atender desse modo. Muitos colegas eram resistentes; outros, com precauções, fomos nos animando a explorar estas novas modalidades em situações não presenciais. Hoje, frente à situação inédita que o Coronavírus produz, já não temos mais desculpas: nos transformamos para poder manter nosso trabalho.

Ainda que existam, há vários anos, colegas que transmitiram suas experiências com a análise telefônica (Savege Scharff, 2014, 2016; Carlino 2014; Aryan *et al.*, 2015 etc.), hoje nos devemos uma exploração mais ampla de outras ferramentas (Zoom, WhatsApp, Hangout etc.) para pensar nos desafios, em nossas dificuldades e temores frente a situações psíquicas novas e surpreendentes que a atualidade promove.

* Sociedad Argentina de Psicoanálisis.

** Estas reflexões vêm sustentadas em trabalhos prévios: Rey (2013, julho de 2015, 2015a, 2015b, 2017, 28 de setembro de 2018); Rey, Nagy e Verón (24 de junho de 2018).

1. N. do T.: Tradução livre do poema de Idea Vilariño, assim como da frase de D. Liberman.

Byung-Chul Han (2014) destaca que os dados e as máquinas estarão a serviço das pessoas, e não ao contrário; que a internet e os dados são ferramentas de suporte como podem ser uma serra e um martelo, que servem para cortar madeira e construir casas, mas que – ilustra –, mal utilizadas, também servem para cortar cabeças.

As tecnologias sempre apresentam suas duas faces, e desde que o homem é homem – segundo Baricco em *Los bárbaros* (2006/2008) –, debate-se entre os aspectos negativos e positivos das mesmas. Nas palavras de Eco (1964/1965), “apocalípticos e integrados”².

O mesmo Han (2013/2014) descreve os fantasmas digitais, fantasmas que já se apresentavam a Kafka (1952/1998) com a invenção das cartas³.

Se já naquele então a comunicação postal oferecia “alimentos para fantasmas”, o que nos resta hoje em dia, depois da invenção do telefone, telégrafo, internet, Twitter, Facebook, telefones inteligentes, etc. “Os fantasmas não morrerão de fome”⁴ (Han, 2013/2014, p. 82). Temos novos fantasmas para enfrentar.

Tanto em um trabalho analítico presencial como à distância (Alipani, citado em Sarchman, 20 de outubro de 2017) podem aparecer barreiras, tanto linguísticas como culturais. Dependerá da capacidade de paciente e analista poder tomá-las como sintomas que levem a explorar outros lugares e usar o que aparece como uma dificuldade (ou uma situação nova) ou transformando-o em uma possibilidade de análise – ao estilo de D. Winnicott (1971/1972), como espaço transicional, capacidade para brincar etc.

Gosto de pensar na possibilidade que se abre se podemos estar disponíveis e atentos ao que nos é apresentado como novo e inédito (entre eles, as diferenças horárias e de estações, os giros linguísticos, as expressões idiomáticas, mas também a quantidade de afeto que se mobiliza para ambos, já que ambos estamos imersos na mesma situação de crise global).

Byung-Chul Han propõe que o meio digital é um *meio do afeto*; a comunicação digital facilita a saída repentina de afetos, transporta afetos de forma imediata (Han, 2013/2014, p. 16). Se isso é assim, como fazemos para recebê-los e processá-los?

Um paciente, pouco tempo depois de começar suas sessões, agora virtuais, e estranhando o espaço físico do consultório, dizia:

Não há mediações para a relação consigo mesmo. Agora, o corpo a corpo, o entorno não estão. Há muita palavra suspensa que não se torna carne em atos: é alienante [era uma pessoa que desenvolvia grande atividade física]. A palavra agora vai por mensagens ou por vídeos, como um holograma. Sinto falta do ato; sinto mais os pensamentos.

A tela, é um grande enigma, mas hoje é parte de nossa vida e nossos intercâmbios; somos mediados por ela, não apenas nos tratamentos psicanalíticos. Deveria

2. N. do T.: Tradução de Souza, G. A tradução da citação corresponde a Eco, H. (1993). *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva. (Trabalho original publicado em 1964).

3. “Como se chegou à ideia de que seres humanos poderiam se relacionar uns com os outros por cartas! Pode-se pensar em uma pessoa distante e pode-se tocar uma pessoa próxima, todo o resto vai além da força humana”, p. 63. N. do T.: Tradução de Machado, L. A tradução da citação corresponde a Han, B. (1918). *No enxame: Perspectivas do digital*. Petrópolis: Vozes. Recuperado em: <https://bitly.com/pRBIR>

4. N. do T.: Tradução de Machado, L. A tradução da citação corresponde a Han, B. (1918). *No enxame: Perspectivas do digital*. Petrópolis: Vozes. Recuperado em: <https://bitly.com/pRBIR>

inverter a pergunta: já que estamos mediados pela tecnologia – hibridados, diria hoje – por que a psicanálise deveria ficar de fora desses contextos culturais atuais? Poderemos apelar para a criatividade, se e somente se, nos permitimos ficar sem certezas à espera do que está por vir, ainda sem conceitualizar. Acredito que conceitos como intimidade, privacidade, tempo e espaço, devem ser repensados hoje. Já não estamos na modernidade e os marcos conceituais freudianos não nos alcançam na presente complexidade. Trabalhar hoje, implica nos abirmos à dimensão do virtual, aceitando que não é uma “simulação” de algo real, mas sim uma cena em si mesma (Lemma, 2015 *virtually real*).

Temos um compromisso: manter uma psicanálise viva, que mostre flexibilidade frente às novas circunstâncias e às mudanças dos marcos epistêmicos. Criar enquadres possíveis, sob medida.

Se trabalhamos confiando no método e com uma atitude analítica poderá ser criado um ambiente sustentador, seja ele presencial ou virtual. (Presença comunicativa, nas palavras de Cantis Carlino, 1987⁵).

A pandemia perturbou o modo de interação com nossos pacientes, nossa maneira de praticar a clínica está sendo provada.

Explorar ferramentas desconhecidas coloca em jogo nossas certezas. Surgem dúvidas, momentos de desconcerto e de surpresa.

Estou longe de dar respostas a estas interrogações. Acredito que, como a tantos, esta temática me inquieta, e estou aberta a pensar possíveis implicações na prática clínica, sabendo que não há ainda distância suficiente entre os fatos que vivemos e a elaborações de hipóteses que possam dar conta destes fenômenos.

Se é certo, como afirma Negroponte (1995/1999), que “a informática não tem mais nada a ver com computadores. Tem a ver com a vida das pessoas.”⁶ (p. 20), temos que pensar nas mudanças de papel em que devemos transitar, em como se conformam novos espaços, novas equipes, novas formas de relação do par analítico.

Nunca como agora as palavras de Ferenczi (Ferenczi e Dupont, 1988/1997) se fazem tão presentes:

Se o paciente realmente sente que de fato será por nós cuidado, que levaremos a sério sua necessidade infantil de ajuda (e não se pode oferecer a uma criança indefesa – a maioria dos pacientes o são- meras teorias quando se encontra em um terrível estado de dor), então seremos capazes de induzir o paciente a olhar para trás, para seu passado sem terror.⁷ (p. 210)

Talvez possamos sustentar espaços de brincar e de *ilusão* que permitam o desdobramento de potencialidades impensadas.

Talvez estejamos neste caminho.

5. “Atualmente duas pessoas localizadas em diferentes lugares geográficos, no momento de se comunicarem por aparelhos tecnológicos, podem sentir e também operar comunicacionalmente como se ambas estivessem *ali* presentes. Não se trata de um lugar físico, mas sim de um ponto de confluência entre duas pessoas distantes –analista, analisando- dado pelo *contato* e pelo *encontro* na comunicação, lugar que denominei ‘espaço inter do diálogo’ (Cantis Carlino, 1987, citado em Carlino, 2014, p. 187). N. do T.: Tradução livre.

6. N. do T.: Tradução de Tellaroli, S. A tradução da citação corresponde à página 12 de Negroponte, N. (1995). *A vida digital*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1995).

7. N. do T.: Tradução livre.

Referências

- Aryan, A., Briseño, A., Carlino, R., Estrada, T., Gaitán, A. e Manguel, L. (2015). Psicoanálisis a distancia: Un encuentro más allá del espacio y del tiempo. *Calibán*, 13(2), 60-75.
- Baricco, A. (2008). *Los bárbaros: Ensayo sobre la mutación*. Barcelona: Anagrama. (Trabalho original publicado em 2006).
- Cantis Carlino, D. e Carlino, R. (1987). Diálogo analítico: Un diálogo múltiple. *Psicoanálisis*, 9(3), 161-162.
- Carlino, R. (2014). Reflexiones actuales sobre el psicoanálisis a distancia. *Revista de la Sociedad Argentina de Psicoanálisis*, 18, 173-197.
- Castells, M. (1996). *La era de la información: Economía, sociedad y cultura. La sociedad red* (vol. 1). México: Siglo XXI.
- Eco, H. (1965). *Apocalípticos e integrados*. Barcelona: Lumen. (Trabalho original publicado em 1964).
- Ferenczi, S. e Dupont, J. (1997). *Diario clínico 1932: Sin simpatía no hay curación*. Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1988).
- Han, B.-C. (2014). *En el enjambre*. Barcelona: Herder. (Trabalho original publicado em 2013).
- Han, B.-C. (2014). *Psicopolítica*. Barcelona: Herder.
- Hermoso, B. (19 de outubro de 2016). Mary Beard: La historia del feminismo y el feminismo en la Historia. *El País*. Disponível em: https://elpais.com/cultura/2016/10/19/actualidad/1476883415_586745.html
- Kafka, F. (1998). *Cartas a Milena*. Madri: Alianza. (Trabalho original publicado em 1952).
- Lemma, A. (2015). El psicoanálisis en tiempos de tecnocultura: Algunas reflexiones sobre el destino del cuerpo en el espacio virtual. *Revista de Psicoanálisis*, 75, 167-193.
- Negroponte, N. (1999). *El mundo digital: Un futuro que ha llegado*. Barcelona: Ediciones B. (Trabalho original publicado em 1995).
- Rey, M. A. (2013). En el ter-reno de lo inútil. *Revista de la Sociedad Argentina de Psicoanálisis*, 17, 189-198.
- Rey, M. A. (julio de 2015). *Conectividad-intimidación: El psicoanalista y la red*. Trabajo presentado en el 49º Congreso IPA: Un mundo en transformación, Boston.
- Rey, M. A. (2015a). Developing a public presence: Websites. *International Psychoanalytical Association Resource Library*. Disponível em: https://www.ipa.world/ipa/IPA_Docs/Developing%20a%20Public%20Presence%20Websites%20-%20RL%20Essay%202015.04%20FINAL.pdf
- Rey, M. A. (2015b). Tiempos actuales, un recorrido personal. *Revista de la Sociedad Argentina de Psicoanálisis*, 19, 49-66.
- Rey, M. A. (2017). Conectividad. Intimidación: El psicoanálisis en un mundo extenso. Em C. Moise e L. Orsi (comp.), *Psicoanálisis y sociedad: Nuevos paradigmas en lo social*. Buenos Aires: Dunken.
- Rey, M. A. (28 de setembro de 2018). *Experiencias transformadoras en red*. Trabalho apresentado no painel Silencio del analista y otras experiencias en las sesiones en la realidad virtual, no 32º Congreso Latinoamericano de psicoanálisis: De-construcciones y transformaciones, Lima.
- Rey, M. A., Nagy, L. A. e Verón, C. [International Psychoanalytical Association] (24 de junho de 2018). *Cyberspace-managing new tools for psychoanalytic development* [seminário web], Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LJRRSMAZT1U>
- Sarchman, I. (20 de outubro de 2017). Freud para cuerpos globales y digitales. *Revista Ñ*. Disponível em: https://www.clarin.com/revista-enie/ideas/freud-cuerpos-globales-digitales_0_rjdcFe_6Z.html
- Savege Scharff, J. (2014). Psicoanálisis asistido con tecnología. *Revista de la Sociedad Argentina de Psicoanálisis*, 18, 151-172.
- Savege Scharff, J. (2016). Preface. En A. Marzi, *Psychoanalysis, identity, and the Internet: Explorations into cyberspace*. Londres: Karnac.
- Vilariño, I. (2000). *Poesía completa*. Montevideo: Cal y Canto.
- Winnicott, D. (1972). *Realidad y juego*. Buenos Aires: Granica. (Trabalho original publicado em 1971).